

Mulheres e plantas: relações de cuidado e companheirismo no Alto Rio Negro

Women and plants: relations of care and companionship in the Upper Rio Negro

Mujeres y plantas: relaciones de cuidado y compañerismo en el Alto Rio Negro

Lorena França

Iconografia

Editor: Edgar Bolívar-Urueta

Como citar: França L. (2025). Mulheres e plantas: relações de cuidado e companheirismo no Alto Rio Negro. *Mundo Amazónico*, 16(1), e 118744. <https://doi.org/10.15446/ma.v16n1.118744>

Resumo

Humanos e plantas estabelecem relações de cuidado mútuo em diferentes povos indígenas, fazendo vínculos de parentesco e garantindo os modos de continuidade dos coletivos humanos e das plantas, como afirmam Morim de Lima e Soares-Pinto (2024). As fotografias deste ensaio fazem parte da pesquisa doutoral sobre o sistema alimentar indígena do Rio Negro, em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, Brasil, onde convivem uma diversidade de mais de 20 povos. Os enquadramentos imagéticos ao lado de breves descrições permitem uma mirada sobre as múltiplas nuances das relações contínuas de companheirismo entre mulheres e plantas. São os cuidados das mulheres sobre as plantas cultivadas que as permitem crescer e frutificar, assim como são seus frutos, folhas e raízes que permitem fazer crescer, amadurecer, alegrar, seduzir e curar pessoas através de comidas, bebidas fermentadas e remédios.

Palavras-chave: mulheres indígenas, plantas, Rio Negro, relações de companheirismo

Abstract

Humans and plants establish relationships of mutual care in various indigenous peoples, creating kinship bonds and ensuring the continuity of human and plant collectives, as stated by Morim de Lima and Soares-Pinto (2024). The photographs in this essay are part of doctoral research on the indigenous food system of the Rio Negro, in São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, Brazil, where

Lorena França. Pesquisadora associada ao Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9243-7872>
Email: alorenafranca@gmail.com

more than 20 indigenous peoples coexist. The visual frames, alongside brief descriptions, offer a glimpse into the multiple nuances of the ongoing companionship between women and plants. The care of women over the cultivated plants enables them to grow and bear fruit, just as their fruits, leaves, and roots help grow, mature, uplift, seduce, and heal people through food, fermented drinks, and medicines.

Keywords: indigenous women, plants, Rio Negro, companionship relations

Resumen

Los humanos y las plantas establecen relaciones de cuidado mutuo en diversos pueblos indígenas, creando vínculos de parentesco y garantizando la continuidad de los colectivos humanos y de las plantas, como afirman Morim de Lima y Soares-Pinto (2024). Las fotografías de este ensayo forman parte de la investigación doctoral sobre el sistema alimentario indígena del Río Negro, en São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, Brasil, donde conviven más de 20 pueblos indígenas. Los encuadres visuales, junto con breves descripciones, permiten una mirada a las múltiples facetas de las relaciones continuas de compañerismo entre mujeres y plantas. Es el cuidado de las mujeres sobre las plantas cultivadas lo que les permite crecer y dar frutos, así como son sus frutos, hojas y raíces los que permiten hacer crecer, madurar, alegrar, seducir y curar a las personas a través de comidas, bebidas fermentadas y medicinas.

Palabras clave: mujeres indígenas, plantas, Río Negro, relaciones de compañerismo

No noroeste amazônico, convivem povos de 23 etnias de distintas famílias linguísticas que conformam um sistema multiétnico e intercultural, numa extensa região fronteiriça de mais 11,5 milhões de hectares em terras indígenas demarcadas no Brasil. A despeito das diferenças sociais e linguísticas de cada povo, há um intercâmbio de conhecimentos e práticas expressos na arquitetura, na agricultura, na produção de artefatos e de alimentos, além de semelhanças nas narrativas cosmológicas. O sistema de parentesco pautado na exogamia e na virilocalidade existente na maioria dos povos rionegrinos impulsiona e favorece as trocas especialmente entre os conhecimentos femininos, uma vez que as mulheres se mudam para as comunidades de seus maridos.

Esse ensaio fotográfico faz parte da pesquisa doutoral da autora sobre o sistema alimentar indígena do Rio Negro, em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, Brasil. A etnografia foi realizada em 2018-2019, em 4 localidades: São Gabriel Mirim, comunidade no rio Negro, onde predominam famílias Baré; Matapi comunidade no rio Uaupés, onde predominam famílias Dessano e Tukano; Assunção do Içana do rio Içana, onde predominam famílias Baniwa e Ucuqui-Cachoeira no rio Aiari, onde vivem Baniwa e Kubeu. As fotografias fizeram parte dos recursos metodológicos de investigação para a autora. O uso da câmera como mediador das relações também serviu, em muitas ocasiões, para propiciar contextos de risadas, afetos e criação de vínculos com as mulheres fotografadas.

Seguindo o padrão das sociedades ameríndias, as mulheres da bacia do Rio Negro se encarregam dos cuidados domésticos, da produção alimentar cotidiana e ritual, assim como são as responsáveis pelo manejo das roças, onde a principal espécie cultivada é a *Manihot esculenta*, localmente chamada de maniva¹. As plantas cultivadas e especialmente as manivas estão diretamente associadas às mulheres em sua constituição como pessoa. Do ponto de vista

cosmológico, manivas e mulheres tem uma gênese comum e suas existências são indissociáveis. Na cosmologia tuyuka (ʉtâpinopona) e dos demais povos tukano, “desde o nascimento da menina, na cerimônia de sua nomeação, o *kumu* [especialista/benzedor] inclui em sua vida a maniva como um elemento constitutivo de sua existência e do seu trabalho” (Rezende, 2021, p. 127). “A maniva é o osso da mulher”, me disse Eugênio, *kumu* dessano, sintetizando a associação entre a maniva e a sustentação dos corpos femininos (França, 2023). Entre mulheres e manivas há uma relação de “analogia ontológica”: as primeiras possuem vidas (*kahtise*) e corpos (*uhpu*) de maniva, ao passo que cada parte da maniva corresponde a partes do corpo e ornamentos da mulher (Oliveira, 2024).



Figura 1. Rosália (Baré) contempla suas manivas em São Gabriel Mirim (2018)

As mulheres constituem suas vidas em torno dos cuidados com as roças, reproduzindo as estacas de manivas que darão sustento à família. As mandiocas são prodigiosas pois possibilitam a produção de farinhas, gomas, mingau, diversos tipos de beiju e bebidas fermentadas, mas as manivas exigem cuidado contínuo, por isso as mulheres trabalham nas roças cotidianamente. Nas roças, é preciso fazer a limpeza do “mato” (plantas indesejadas) e queimá-lo. “A maniva gosta do cheiro da fumaça”, explicava-me Cleomar (Baniwa) para explicar como compreende o desejo das manivas. As roças bonitas são precisamente aquelas em que as manivas crescem de maneira vigorosa, com raízes protuberantes e em larga diversidade das qualidades de manivas, ao lado de outras espécies que são igualmente cultivadas com esmero.



Figura 2. Maria Fontes (Baniwa) na sua roça em Ucuqui-Cachoeira (2019)

O conjunto dos saberes, das práticas e dos produtos associados às roças e às plantas cultivadas, e a identificação da ampla biodiversidade produzida por esses povos deu ensejo ao reconhecimento do *Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro* como patrimônio cultural do Brasil (Emperaire et al, 2019). As pesquisas de etnobotânica associadas a esse reconhecimento patrimonial identificaram mais de 140 variedades de manivas e 250 espécies de cultivares em geral. A coleção de manivas de uma mulher varia de 15 a 60 tipos que foram inicialmente herdadas da mãe ou da sogra, sendo continuamente incrementada a partir de doações de cunhadas, irmãs, colegas, vizinhas da cidade. Quando se preparam para um dia de trabalho, as mulheres dizem: “vou cuidar das *minhas* manivas”, como quem cuida de suas filhas. Na ausência do devido cuidado, as manivas podem desaparecer, retornando às roças de suas doadoras. Algumas qualidades desaparecem e depois voltam como herança familiar e ainda outras não dão mandioca para determinada mulher. Existe, então, uma relação intersubjetiva singular construída de mão à haste, de mão à raiz entre mulher e maniva (França, 2023).

A pimenta (*Capsicum* sp.) ocupa um lugar de grande proximidade à mandioca no sistema alimentar rionegrino. Ela possui um destaque social que vai desde o seu uso xamânico à sua presença indispensável nos alimentos, sendo uma espécie que recebe muita atenção nas roças e quintais. Na cosmologia Baniwa, o herói cultural Ñapirikoli criou essa planta para poder cozinhar os peixes crus, que caso sejam assim consumidos, trazem doença (*whítokali*). Ñapirikoli, casado com a mulher-piranha, usa da pimenta para neutralizar o veneno contido na comida (peixe cru) oferecida pelo sogro (Garnelo, 2007). E igualmente entre os Povos Tukano, ela é usada nos contextos de limpeza e proteção xamânica (Hugh-Jones, C. 2013), assim como na produção de um corpo forte e belo (Barreto, 2022). Na alimentação, os povos do Rio Negro desenvolveram a cultura de consumir a

pimenta em grande quantidade, sendo um marcador da comida principal com pescado e ausente da comida complementar (vinhos de palmeiras, xibé).



Figura 3. Maria Fontes faz colheita de pimenta em sua roça (2019)



Figura 4. Cecília Gomes (Kubeu) carrega sua filha durante trabalho na roça em Ucuqui-Cachoeira (2019)

Entrelaçadas, plantas e mulheres crescem e fazem famílias. O cará (*Discorea* sp.), a batata-doce (*Ipoema batatas*), a cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*) e a taioba (*Xanthosoma* sp.) são algumas das espécies que compõem a diversidade juntamente com a maniva nas roças configurando a paisagem multiespécie.



Figura 5. Nadma (Baniwa) leva mudas para sua roça. Ucuqui-Cachoeira (2019)

As donas de roça demonstram interesse em plantar espécies novas em suas roças para ampliar sua coleção de manivas, tubérculos e frutas. Depois de uma visita à roça de uma parenta, ou depois de uma roda de partilha, a mulher pode retornar para casa com a sua nova muda. Na Figura 05, Nadma (kubeu) carrega mudas de *duhtu* (*Heliconia hirsuta*) e de *maca* (*Canna edullis*), tubérculos que podem ser usados na produção de bebida fermentada (caxiri) misturado aos ingredientes derivados da mandioca.



Figura 6 Alba (Tukano) retira frutos de açai do cacho. Matapi (2018)

O açai (*Euterpe* spp.) é uma das palmeiras de maior destaque no sistema alimentar dos povos do Rio Negro e que borra a clássica divisão entre roça e floresta, entre plantas cultivadas e não cultivadas. As palmeiras de açai crescem nos quintais, ao redor das casas, e em áreas mais afastadas nas comunidades, à beira do rio e nas capoeiras (as roças antigas abandonadas) como resultado do plantio humano. No entanto, também há o açai do mato, que, segundo os Baniwa, cresce sozinho na floresta. Seu fruto é suavemente aquecido, pilado e coado para se transformar em “vinho” (suco espesso), e consumido fresco com farinha de mandioca ou de tapioca, normalmente depois das refeições principais ou em forma de mingau um dia depois do preparo. O açai é associado à força e à satisfação alimentar, e entendido como complemento ideal ao pescado. Na figura 6, Alba retirou cachos da palmeira de seu quintal para fazer vinho para seus filhos, sobrinhos e marido. Usualmente são os homens que sobem nas palmeiras e as mulheres as responsáveis por preparar o “vinho” para a família.

Marilene e Cleidiane do povo Tukano buscam abacaxis para preparar um mingau a ser ofertado a toda a comunidade durante as festividades da padroeira da comunidade. O abacaxi também produz uma bebida fermentada muito apreciada: o aluá, feito com apenas dois ingredientes: água e abacaxi deixados de molho por alguns dias. A figura das duas cunhadas na coleta do abacaxi evoca a parceria entre mulheres nas atividades de manutenção da vida social. As roças pertencem sempre a uma dona específica, mas é igualmente comum o plantio contíguo dos terrenos que pertencem a mãe e filhas, a irmãs ou cunhadas de modo que as mulheres seguem juntas para o trabalho e dão continuidade à produção alimentar uma em companhia da outra. Uma fileira de abacaxis plantados pode eventualmente servir de delimitação de fronteira entre duas roças de mulheres da mesma família.



Figura 7. Marilene e Cleidiane em roça de abacaxi. Matapi (2018)

Na figura (8), Lúcia Bitencourt (Baniwa) planta tucumã numa roça nova, recentemente aberta e queimada. Quando foi visitar a área junto com seu marido e seus filhos, para avaliar se o terreno já estava pronto para receber as manivas, optou por plantar os tucumãs num local de terra fofa e bem coberta de folhagem. Ela carregava consigo caroços selecionados por terem polpa carnuda e doce. No momento do plantio, Lúcia enfatizou: “vou plantar para meus netos comerem”. Uma roça vai sendo construída, então, de plantas que frutificam e amadurecem em diferentes períodos, desde as manivas, que em 6 meses a 1 ano dão raízes, até tubérculos de 9 meses, frutos como o abacaxi cuja frutificação se dá com aproximadamente 18 meses depois do plantio e também de espécies de ciclo longo, como o tucumã, cujos frutos aparecerão depois de 7 anos.



Figura 8. Lúcia planta tucumã na roça para seus netos. Assunção do Içana (2019)



Figura 9. Natália se protege com carajiru no porto antes de adentrar a floresta

As roças preparadas nos melhores terrenos são abertas em terra firme, em área de floresta madura, sem vestígios de desmatamento. No entanto, quanto mais longe da comunidade e quanto mais a floresta está madura, mais perigoso é estar e circular nesses espaços controlados por donos/seres invisíveis. Assim, a passagem por tais lugares é orientada por regras e etiquetas

de conduta, de modo a evitar ataques dos donos. Dentre as regras, a mais observada é interdição da mulher de ir à roça durante seu período menstrual. São muitas as histórias que descrevem os sintomas de mal-estar sofridos por aquelas que infringem tal regra. Se o sangue exala um fedor para humanos, para os donos invisíveis cheira bem e produz atração sexual (Belaunde, 2006; França, 2023). Natália (Baniwa) e sua filha Laura (Tariano) se preparavam para acessar uma roça distante da comunidade, cultivada no alto de uma serra, na floresta. Não estavam menstruadas, mas avaliaram o caminho perigoso e para se protegerem pintaram os rostos de carajiru (*Arrabidaea chica*) benzido, evitando ataques dos donos desse espaço.

As figuras 2, 5, 6, 7 e 10 apresentam as mulheres indígenas rionegrinas com seu objeto companheiro: o aturá, cesto cargueiro. Fabricados especialmente para o deslocamento, a sua primeira função é o transporte de mandiocas colhidas das roças, mas também eventualmente carregam em menor quantidade outros cultivares (carás, batatas, cana, cubiu, pupunha etc.), ou um feixe de manivas no transporte de uma roça velha para roça nova. Na ida da roça, quase vazios, como na Figura 10, carregam objetos pessoais como roupas do trabalho na roça, terçado, isqueiro e uma vasilha com farinha que receberá água para se fazer o xibé (farinha demolhada) depois do trabalho. Em suma, é uma cestaria de ampla utilidade e versatilidade. Como indicou Lúcia Van Velthem (2012), o aturá tem o potencial de conectar os espaços e caminhos de domínio das mulheres: da roça à casa de forno. Em outras palavras, esse cesto é um objeto companheiro que é um mediador das relações e espaços entre as mulheres e as plantas.



Figura 10. Laura adentrando a floresta para ir à roça. Assunção do Içana (2019)



Figura 11. Plantas de autocuidado, retiradas da floresta nas mãos de Aparecida. Assunção de Quintal (2019)

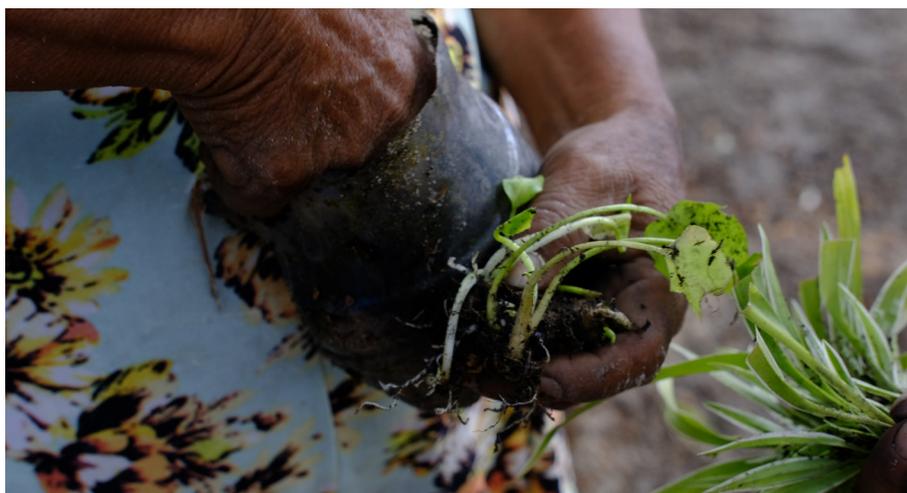


Figura 12. Plantas de cura no quintal de Cleomar Olimpo. Assunção do Içana (2019)

Nos diferentes espaços territoriais manejados pelas mulheres – floresta, roça, capoeira e quintais – encontra-se um conjunto especial de plantas não alimentícias cuidadas, cultivadas ou apenas usadas com finalidades diversas: cura, proteção e cuidados de bem-estar com as pessoas e outras plantas. Dentre essas plantas em geral, existem especificamente as *pusangas*, um termo na língua nheengatu atribuído a plantas de atração e sedução, mas que também se refere a feitiços de amor. A referência simbólica e a prática do uso de *pusanga* no Rio Negro é bastante comum, carregando uma ambiguidade inerente ao uso: a pessoa que aplica o faz para atingir algo de bom para si

(a conquista de um amor) e a pessoa que recebe pode se considerar uma vítima de quem aplicou a *pusanga*. Especificamente nas roças, existe um conjunto de plantas chamadas de *kupixa pusanga* (traduzidos por “remédios da roça”) que são usadas para cuidar ou estimular a produção da maniva, como companheiras que servem à principal planta da roça.

Na Figura 11, Aparecida, a caminho da roça retirou algumas folhas de uma planta identificada por sua qualidade de cuidar da pele do rosto, reduzindo as rugas faciais. Na ocasião, Aparecida exibiu várias outras espécies com suas respectivas finalidades, destacando a origem de seus conhecimentos: foram narrativas e práticas aprendidas com a avó que usava somente as plantas do mato para o autocuidado. Cleomar, da Figura 12, mãe, avó e parteira da comunidade, cultivava mais de 15 variedades de plantas em seu quintal para cuidar de dores e desafios de seus familiares. A *taina ipu*, por exemplo, é indicada para as mulheres grávidas tomarem às vésperas do parto, de modo a facilitar a passagem da criança. A *caapi* é ministrada para a moça menstruada quando precisa comer peixe (um tabu alimentar desse período), a planta língua de pirarucu é indicada para diminuir inchaços e para crianças com gripe e tosse. Algumas plantas têm a potência de incidir sobre o sexo do bebê, se tomada antes da gravidez, outras para aumentar a inteligência da criança em processo de aprendizado. A *surucucu apeku*, a exemplo de várias plantas, é usada para garantir proteção da pessoa em locais desconhecidos ou como antídoto de inveja. Há um conjunto de plantas que cuidam da casa e da dona da casa, afastando mal-olhado e reduzindo a possibilidade de eventos trágicos atingirem a casa ou a sua dona. O uso adequado dessas plantas de poder frequentemente requer a associação com encantamentos /benzimentos (*bahsese*) ou dietas alimentares e resguardos para que a sua eficácia seja mantida.



Figura 13. Josi (Baniwa) subindo em uma árvore para pegar fibra de tucum



Figura 14. Virgília (Tariano) carregando feixe de tucum sobre a cabeça. Assunção do Içana (2019)

Por fim, essas duas últimas imagens retratam parte do processo de extração e preparação do tucum (*Bactris setosa*), uma palmeira cuja fibra é usada no preparo dos artesanatos. Bolsas, cintos, brincos, saias e adornos de cabeça são feitos com as fibras trançadas do tucum. As mulheres de Assunção do Içana se organizam coletivamente para somarem esforços na produção e venda de seus artesanatos, gerando renda a partir de seus saberes. Josi, da Figura 12, demonstra sua força e habilidade ao subir numa árvore de porte alto, com peconha nos pés, para atingir, com uma vara, a folha nova ainda fechada que cresce no alto da palmeira. Na Figura 13, Virgília carrega um feixe das palhas de tucum na cabeça, ao lado de outras mulheres artesãs, num caminho da floresta, expressando a relação de parceria entre mulheres e entre mulheres e vegetais.

Humanos e plantas estabelecem relações de cuidado mútuo em diferentes povos indígenas, fazendo vínculos de parentesco e garantindo os modos de continuidade dos coletivos humanos e das plantas, como afirmam Morim de Lima e Soares-Pinto (2024, p. 181). São os cuidados das mulheres sobre as plantas cultivadas que as permitem crescer e frutificar, assim como são seus frutos, folhas e raízes que permitem fazer crescer, amadurecer, alegrar, seduzir e curar pessoas através de comidas, bebidas fermentadas e remédios. As fotografias aqui selecionadas possibilitam uma mirada sobre as múltiplas nuances das relações contínuas de companheirismo entre mulheres e plantas.

Notas

¹ Maniva é o termo para a parte aérea da *Manihot esculenta*, A sua parte subterrânea, a raiz, com a qual se processam os alimentos é sempre referenciada como mandioca.

Referências

- BARRETO, J. P. (2022). *O mundo em mim: uma teoria indígena e os cuidados sobre o corpo no Alto Rio Negro*. Mil Folhas (IEB).
- BELAÚNDE, L. E. (2006). A força dos pensamentos e o fedor do sangue. Hematologia e gênero na Amazônia. *Revista de Antropologia*, 49(1). <https://doi.org/10.1590/S0034-77012006000100007>
- EMPERAIRE, L., et al. (2019). *Dossiê Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro*. IPHAN. Dossiê 19.
- FRANÇA, L. (2023). *Comer e viver: o sistema alimentar indígena do Rio Negro* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina].
- GARNELO, L. (2007). Cosmologia, ambiente e saúde: mitos e ritos alimentares Baniwa. *História, Ciência e Saúde*, 14(1). <https://doi.org/10.1590/S0104-59702007000500009>
- HUGH-JONES, C. (2013). *Desde el Rio de Leche: Procesos espaciales y temporales en la Amazonia noroccidental*. Ediciones Universidad Central.
- MORIM DE Lima, A. G., e Soares-Pinto, N. (2024). Parentesco com a terra e as cosmopolíticas indígenas do cuidado. *Revista de Estudos Avançados*, 38(112). <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.202438112.010-en>
- OLIVEIRA, M. (2024). Mulheres, manivas e artefatos: corpo, gênero e socialidades no noroeste amazônico. *Boletim Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 19(1). <https://doi.org/10.1590/2178-2547-bgoeldi-2023-0029>
- REZENDE, (2021). *A festa das frutas: uma abordagem antropológica das cerimônias rituais entre os Utâpinopona (Tuyuka) do Alto Rio Negro* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Amazonas].
- VAN VELTHEM, L. (2012). Cestos peneiras e outras coisas: a expressão material do sistema agrícola no Rio Negro. *Revista de Antropologia*, 55(1). <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2012.46970>